



BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

PROJETO DE MEMÓRIA ORAL

ANNA VERÔNICA MAUTNER

Hoje, 9 de agosto de 2006, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento da psicanalista, cientista social e jornalista Anna Verônica Mautner para o projeto de Memória Oral da Instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas: antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual deste registro, Sérgio Teichner e na condução do depoimento, Daisy Perelmutter.

Daisy Perelmutter: Bom, Anna, nós gostaríamos que você iniciasse este depoimento reconstituindo a geografia afetiva da cidade durante o seu período da juventude: os lugares que simbolizam, que sintetizam as experiências que foram determinantes na sua formação.

Anna Verônica Mautner: Eu vou falar sobre um tempo em que não tinha xerox, não tinha fotolito e outras coisas, um tempo em que a gente tinha que ter o livro na mão para ler, um tempo em que tinha muito pouca tradução e a gente tinha que ler aqui mesmo, um tempo que tinha muito poucas bibliotecas em São Paulo. Eu era sócia de uma circulante da Congregação Israelita Paulista, que era uma excelente biblioteca de ficção e aí eu levava os livros para casa. Eu vou falar de um tempo em que não havia mobilidade social tão grande como agora. Eu vou falar sobre a década de 1950, antes

do automóvel nacional, um tempo em que para a gente comprar um telefone era muito caro, quase ninguém tinha telefone, um tempo em que a gente usava o telefone aqui da Biblioteca, por exemplo, mas tinha fila – a gente entrava e, à esquerda, tinha um telefone, num cubículo, não sei se ainda tem. Não tinha telefone de pôr moedinha. Eu vou falar de um tempo em que os pais não achavam muito ruim se os filhos continuavam a sua própria vida. Aqueles poucos que resolveram subir, mudar, se transformar não tinham muito outra saída a não ser freqüentar esta Biblioteca ou a do Leopoldo Fróes, também.

Aí eu tinha que fazer cursinho, eu queria entrar na Faculdade. Eu queria fazer cursinho e, no cursinho, eles me indicavam livros que eu não tinha, então eu vinha aqui para ler. Quando cheguei aqui, eu encontrei outros “gatos pingados” que vinham de vários bairros, alguns do centro, outros da Aclimação, praticamente não da periferia. Alguns de nós até... eu ia dizer, mas eu vou manter o meu lapso – “alguns de nós até já morremos”, por exemplo: Maurício Tragtenberg, porque com ele foi um pedaço – alguns de nós já morremos. Ele era o de origem mais pobre, ele era muito pobre, nós éramos remediados. Nós nos encontrávamos em volta da estátua, nós nos encontrávamos lendo, nós nos encontrávamos nos bares aqui da redondeza. Ninguém tinha muito dinheiro. “Alguns éramos todos de esquerda”. Ainda era antes de a gente entrar em partido. Depois, cada um foi para um partido – tudo de esquerda, e nem passava pela cabeça qualquer outra coisa.

Aqui não era bem o centro, o centro mesmo era do lado de lá, mas a gente ficava aqui e depois a gente ia, em certos dias, até o Teatro Municipal e varava para concertos, porque a gente não podia nem pensar em dinheiro, mas era instituído a gente varar e nós não éramos muitos, não, éramos vinte, 25, talvez. Não tinha festa, e não tinha freqüentação da casa de um ou do outro, a gente vinha e não tinha hora marcada. Não precisava combinar nada porque a Biblioteca e a estátua não saíam do lugar e estavam aqui esperando a gente.

Daqui nós íamos para os cursinhos – alguns fizeram cursinho, outros não. Depois, a gente continuou, por muitas décadas, muito amigos. A minha geração



encontrou a geração anterior e a posterior até que, depois, tudo mudou e aí as pessoas começaram a poder comprar livros.

Eu quero colocar bem na história: o começo da Faculdade de Filosofia e as faculdades em geral eram de ricos. A minha geração – talvez um pouquinho antes, talvez um pouco depois – foi a grande ruptura: nós rompemos com a nossa classe sócio-econômica. Antes eram os ricos: era Antonio Candido, era, enfim, Sérgio Milliet – antes eram ricos. Nós fizemos a ruptura. Nós fomos um grande momento.

A década de 1950 foi um grande momento. Depois, foi coroada pelo Juscelino. Foi o fim da Ditadura, foi o começo da conseqüência da industrialização, porque foi depois do fim da guerra. Aí começou uma industrialização e nós fomos os filhos disso e nós mudamos.

A gente lia Platão, sei lá quem era direito, mas um falava para o outro. Eu me lembro tão bem um dia que o Bento Prado Júnior me falou assim: “Mas, Anna, precisa ler Platão” e lá fui eu ler o tal do Platão. E eu tinha 17 anos. Mas tinha que ler, ora! E um falava para o outro. Acontece que o Bento era filho de um professor de latim, então ele sabia das coisas. A minha mãe era cabeleireira e eu ganhava a minha vida fazendo manicure em casas do Alto da Lapa. Depois eu larguei e fui trabalhar no cursinho do Mackenzie. Virei secretária de cursinho, que já era uma tremenda de uma promoção – se bem que eu gostava muito de fazer manicure, até hoje eu gosto.

Era esse o momento. Nós fomos uma das primeiras gerações que saiu do bairro – não é que todo mundo saiu do bairro – nós saímos do bairro e chegamos à *intelligentia*.

DP: Como é que você chegou à Biblioteca, foi alguma referência de algum professor da escola?

AV: Professor do cursinho que disse: “Você precisa ler isso” - “Onde é que eu vou arranjar isso?”. “Lá na biblioteca, menina”: Maria da Penha Villalobos, por exemplo – dessa eu me lembro bem, professora de cursinho, porque no Mackenzie, onde eu estudei, tinha biblioteca.



DP: E a sua chegada aqui, você consegue reconstituir, Anna? Porque também foram tantas experiências que você viveu, eu não sei se você conseguiria, nesta altura, lembrar o impacto dessa experiência primordial.

AV: Ela não era uma experiência traumática que eu possa lembrar o nome. Eu nem me lembro se foi difícil entender o processo de escolha de fichas. Tira, ia para a sala, entregava, aí demorava, aí vinha o livro... Eu não me lembro se isso foi traumático ou não, mas foi muito fácil os semelhantes se atraírem. Era um momento em que este lugar era muito importante. A Cinemateca era na Rua Sete de Abril, onde eram os *Diários Associados*. E nós íamos à Cinemateca. O barzinho do Museu, onde... intelectuais mais velhos estavam lá... aquilo era o máximo: o Teatro Municipal, a Biblioteca, o barzinho, a Cinemateca, que mais eu poderia querer da vida? Eu era feliz!

A cidade me dava alimento. E eu tenho a impressão, pelos meus filhos e netos, de que não há mais este alimento coletivo. Este alimento à disposição de todos nós, não há mais. Você tem que comprar, você tem que fazer parte de alguma coisa. A relação de confiança entre nós, nosso grupo, e a cidade era a de superalimentação: nós éramos alimentados pela cidade. A cidade nos dava coisas e era muito bom usar aquilo que era de direito que não precisava pedir, não precisava implorar: estava aí, e isso era muito bom. Era – eu não vou falar o Estado – mas era o coletivo nos dando de comer, alavancando a nossa ascensão, o nosso crescimento e era muito bom. Eu nunca tinha pensado nesses termos, mas agora tive um *insight*.

DP: E essas pessoas com as quais você se relacionou aqui, como é que foi se dando essa aproximação? Inclusive o fato de você ser mulher – você cita que poucas mulheres freqüentavam – como é que era a receptividade do público masculino em relação a vocês?

AV: Não tinha público. Nós éramos muito poucos.

DP: E em relação aos parceiros?



AV: Os meus eram muito poucos, mas tinha muita gente, a Biblioteca era muito cheia de gente, tinha muita gente, mas tinham umas pessoas especiais que tinham umas salinhas. Aquilo era coisa que prestasse! Então, eles podiam manter os livros nas salinhas, eles faziam pesquisa. Nós não éramos disso, não. E nem éramos tantos, e nem tinha tanta fila e já no fim da minha... Em dois, três anos este “restaurante a quilo” de cultura, que era esta região, foi descoberto. Eu acho que eu fui do começo, porque eu não me lembro de ter feito fila aqui, mas eu me lembro que depois de algum tempo tinha fila. Abria às dez da manhã e tinha fila. Houve um *upgrade*, um salto: de repente nós descobrimos que tinha a Faculdade de Filosofia, que tinha a Sociologia e Política, Letras. De repente se descobriu aquilo que nos Estados Unidos já era há muito tempo existente: os *liberal arts*. Nós nos dedicamos aos *liberal arts*, com influência fortemente francesa.

Eu me lembro do primeiro dia de aula na faculdade, Maria Isaura Pereira de Queiroz entra numa salinha e, com a maior naturalidade, põe o nome de três livros em francês. Ora, se você não sabia francês, isso era um problema seu: Montesquieu, Condorcet e Descartes, tal e tal capítulo e quem sabia francês ensinava, ajudava a traduzir e, em seis meses, nós éramos rainhas do francês, rainhas do inglês, não tinha problema.

DP: E a sua escolha pela Filosofia se atribui a...

AV: Não, eu não fiz Filosofia, eu fiz Ciências Sociais.

DP: Sim, Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia.

AV: A minha escolha é mais complicada. Eu entrei no cursinho para Pedagogia, porque eu achava que eu ia trabalhar nos presídios e salvar os pobres, mas aí a Maria da Penha disse que eu era boa demais para fazer Pedagogia e ela disse: “Vá fazer Filosofia ou Ciências Sociais”. Filosofia me parecia um pouco abstrato, então eu fui



para as Ciências Sociais. Foi mais ou menos assim. E tinha uma grande vantagem Ciências Sociais: não tinha matemática no vestibular. Isso é uma qualidade fantástica. Então lá fui eu.

DP: E no período em que você se manteve cursando Ciências Sociais você continuou tendo essa regularidade aqui na Biblioteca?

AV: Eu mudei um pouco daqui para a biblioteca da Economia, que era mais perto da Ciências Sociais: Maria Antonia, esquina da Vila Nova. Na Vila Nova tinha a biblioteca da Economia que era muito boa. Daí eu fui me afastando. Mas é um pertencer, entendeu? A turma da Biblioteca é a minha semente inicial. Foi aqui que eu aportei para a vida adulta.

DP: Você fala uma coisa muito bonita em uma das suas crônicas, que esse era um espaço que era como uma espécie de rito de passagem, como você acabou de falar, em que você sai do universo doméstico, dos valores domésticos da casa, da sua família e entra na vida cidadina e que a Biblioteca teve um pouco essa função de...

AV: Não.

DP: Não? Então vamos lá.

AV: Eu saí do universo familiar entrando no Movimento Sionista Socialista, em 1948. Chamava-se DROR¹, depois mudou de nome para Habonim, sei lá o que era de um partido de Israel, e a minha saída foi pelo DROR. Eu não fui para Israel, mas a minha saída foi pelo DROR, onde eu encontrei outros que freqüentavam aqui: o Gabriel Bolaffi, Volf Steinbaum, Sônia Azambuja (lembrei de mais uma mulher) – que até casou com o Volf - e nós todos... um era da Vila Mariana. A Sílvia Lesser, Wilcon Pereira – esse é outro que “nós morremos”, acho. Éramos nós, mas eu vim aqui já depois do

¹ Movimento Juvenil Judaico Sionista Socialista Kibutziano Chalutziano Habonim Dror



DROR. O movimento não permitia que fizéssemos faculdade para podermos ir para Israel para, sei lá, quebrar pedra e plantar laranja. Eu achei que era mais interessante vir para cá e isso era uma traição. Eu vim para cá de uma traição. Eu traí o movimento *kibutziano* e optei por ser uma burguesa no Brasil. Esta foi uma grande ruptura.

DP: E os seus pais? Essa coisa da experiência da imigração, eu queria que você falasse um pouquinho como que os seus pais...

AV: Meus pais vieram para o Brasil em 1939. Uma semana antes de estourar a guerra nós chegamos aqui no Brasil. Meu pai começou a trabalhar em Santo André, depois foi para a Lapa. Ele não tinha jeito para ganhar dinheiro. Era um daqueles judeus que não fizeram dinheiro. Eu também sou uma judia que não faço dinheiro, então estamos aí.

DP: Mas ascendeu culturalmente.

AV: Ah, culturalmente, sim, eu acho que eu andei dois ou três graus. Tem quem andou muito mais, mas eu não tenho muita paciência. Eu gosto mesmo é do meu ofício.

DP: Mas esta questão da pertinência, o fato de ser... Eu queria que você falasse, era uma pergunta mais para o final, mas já que você introduziu isso, sobre essa experiência do desenraizamento: se isso foi uma questão importante para você - se comprometer cada vez mais com as questões brasileiras, estar cada vez mais engajada...

AV: Olha, eu sou filha de mãe comunista e pai comunista. Meu pai já não fez *bar mitzvah*, meus irmãos não foram circuncidados. Já éramos ateus há algumas gerações, pelo que eu saiba. Minha mãe, então, escolheu na Lapa... A melhor escola que tinha na Lapa era uma escola de freiras, onde o Bento também estudou. Chamava-se Santa Catarina de Siena. A minha mãe chegou lá na escola e disse: "Eu quero que minha filha estude aqui, mas ela não pode se converter".



DP: Esse era o limite.

AV: “Pode fazer a cabeça dela” – não era assim que se falava – “... mas se batizar, só depois dos 18 anos”. Quando eu cheguei aos 18 anos, não queria mais o batismo. Então eu fiz os meus três primeiros anos nesse colégio Santa Catarina de Siena, onde eu ficava semi-interna. A minha mãe tinha uma confiança na influência dela que as mães de hoje não têm. Ela tinha certeza que a filha dela não ia ser uma beata. E lá fiquei eu no colégio o dia inteiro. Era a única maneira de eu me tornar brasileira – porque a minha mãe era muito européia, muito estrangeira, muito intelectual, muito lia jornal, lia revistas e, para entrar em detalhes, quando eu era pequena, pequeninha, nós não tínhamos dinheiro para comprar dois jornais por dia: era a guerra e não tinha televisão, é óbvio. Era a década de 40, então nós tínhamos que resolver: ou comprávamos papel higiênico ou o jornal da tarde, que era a *Gazeta*. Optamos pelo jornal porque, afinal, o jornal pode ser transformado em papel higiênico. Então eram essas as opções da minha casa.

Eu queria comer arroz e feijão, eu queria comer sopa de macarrãozinho. Eu queria comida brasileira. Eu me tornei brasileira literalmente devorando a comida brasileira da casa do vizinho. Para mim, o máximo era uma cocada, goiabada, porque não tinha na minha casa. Minha mãe fazia aquelas comidas de húngaro, que hoje eu faço. A minha casa é uma casa húngara, hoje, mas, naquela época, eu devorava arroz, feijão, chuchu e macarrão cozido – que era uma porcaria a comida do colégio – eu comia e repetia porque era... Eu devorei o Brasil, a minha entrada no Brasil foi pela comida e, depois, pelos livros.

O primeiro livro de gente grande que eu li foi *Obras Primas do Conto Brasileiro*, onde tinha uma história que me impressionou muito – a coisa mais impressionante, eu li duzentas vezes. Era uma história chamada *A Caolha*, de Lúcia Miguel Pereira, eu acho que é o nome dela, que era uma criança que tinha furado o olho da mãe. Ahn! E eu chorava. Depois, eu li mais umas duzentas vezes, no mínimo, o *Éramos Seis*. Subia a Angélica olhando dos lados para ver se eu achava aquela casinha que tinha um portãozinho, que tinha um jardimzinho na frente e tal. Eu me tornei brasileira pelos livros



e pela comida. E a minha mãe nunca se tornou brasileira, coitada, nem meu pai, mas eles falavam português, nós falávamos português em casa.

DP: E o húngaro, a língua você manteve?

AV: Eu re-aprendi aos 11 anos. Aos 11 anos, em 1946, começaram a chegar os refugiados da guerra. Eu achei que eu queria falar húngaro, porque eu queria falar com eles e aí re-aprendi. Quer dizer, eu sabia, eu entendia, mas eu não falava. E aí eu re-aprendi.

DP: Você fala de um aspecto muito interessante da sua vivência na Lapa que é a questão da diversidade que você já experimentou desde quando você chegou no Brasil, que você não viveu circunscrita dentro de uma colônia.

AV: Bem, era assim: eu era excluída de todas, eu não era brasileira e nem era judia, porque, como os meus pais não falavam *idish*, os outros judeus diziam: “Porcaria! Não fala *idish*! Húngaro não é judeu”. E nós não éramos mesmo, porque, na história da minha vida, eu fui duas vezes na sinagoga. Que não seja casamento ou coisa assim, eu só fui duas vezes: uma vez em setembro de 1945 para agradecer quando a guerra acabou.

DP: E isso por orientação dos seus pais?

AV: Fomos juntos. Foi a única vez que meus pais fecharam a loja no *Yom Kipur*, porque acabou a guerra. E depois agora, com o Jorge Mautner, que eu fui numa sinagoga no Rio, numa cerimônia de *Sabbath*, que eu nunca tinha ido. Eu sou judia, eu não deixo de ser nunca, eu não gosto de gente convertida. Pode casar, miscigenação, todas, mas esse negócio de jogar água na cabeça... Se bem que minha mãe dizia: “Não fala essas bobagens: a água seca”. Minha mãe achava que a água secava. Circuncisão, nunca, porque isso é uma marca que, se o indivíduo quiser, ele que faça mais tarde: “Você não



impõe uma marca dessas” – estou falando as palavras da minha mãe. Ela não circuncidou os dois filhos dela. Eu não tive filhos homem e, então, então não tive este problema. A minha filha ficou muito brava comigo, porque, quando nasceu o meu neto, ela perguntou: “Mãe, você quer que eu circuncide?” E eu disse: “Mas você está ficando louca?”. Anos depois, ela me disse: “Você não entende nada de gente, você pensa que entende. Eu queria que você dissesse sim, para eu poder fazer!”. Mas eu não disse sim e o meu neto não é circuncidado.

Mas eu entrei para o Brasil pela porta da literatura e pela porta da cozinha, pela comida.

DP: E aqui, basicamente você leu... as suas leituras eram...

AV: Está um pouco comprido o que eu estou falando? Tudo é muito comprido.

DP: Não, tudo é muito bom. Vamos continuar. Vamos tirar você hoje da sua rotina.

AV: E lá vai a minha novela *Sinhá Moça*, não é? Eu sou noveleira. Desde de setembro de 1946, quando pela primeira vez os meus pais tiveram dinheiro para comprar um rádio, eu ouço novelas. Depois, quando eu fiquei rica, é que eu comprei uma televisão e eu passei a ver as novelas. Eu sou noveleira. É um jeito de entrar no Brasil, também.

DP: E aí você teve uma passagem em que você saiu daqui de São Paulo e foi morar no Rio. E eu queria que você falasse um pouquinho dessa sua experiência no Rio, inclusive das diferenças e semelhanças entre as duas cidades que, enfim, são tão próximas e tão distantes.

AV: Eu era tão feliz na Biblioteca, na Faculdade, no Movimento Juventude Socialista – a turma daqui virou trotskista. Paul Singer freqüentou muito aqui. Juventude Socialista e tal, nós éramos muito... O Paulo eu conheci no DROR. O DROR foi um *upgrade* fantástico, nós subimos na vida, nos distanciamos do ramerrão através do DROR, que



era muito importante. Era um lugar aonde se misturavam ricos e pobres, intelectuais e comerciantes.

Eu estava tão feliz aqui, mas aí um homem casado se apaixonou por mim. Eu tinha 18 anos e minha mãe achou que eu estava sofrendo muito. Eu não estava sofrendo nada, mas a minha mãe, muito moderninha, me disse: “Mas você não quer ir morar no Rio?”. Aí eu mudei para o Rio. Foi idéia da dona Rosa – esse negócio de comunista não dá boa mãe.

Fui para o Rio, pedi transferência para a Universidade do Brasil, na época era um tal de Universidade do Brasil e o tal do homem casado, ele era jornalista e ele me leva para a *Tribuna da Imprensa*, me entrega para um homem chamado Hilcar Leite, que era trotskista, igualmente, como todos nós, e diz: “Ela precisa trabalhar. Arranja um emprego para ela”. Ele achou que a minha mãe tinha me mandado embora de casa por causa dele – era o inverso: minha mãe achava que eu estava sofrendo por causa dele. Se ele casasse comigo a minha mãe teria deixado. Mas enfim, ele se sentiu responsável e me pôs no jornal lá e dali eu passei para os *Diários Associados* e fiquei por lá durante dois anos. Depois, fui para os Estados Unidos, fiquei dois anos lá. Aí eu voltei para cá e terminei a faculdade aqui em São Paulo.

Então eu fui trabalhar no Departamento de Psicologia Social junto com a Ecléa. Aí nós entramos juntas. Fiquei uns 15 anos. Mas eu não gosto de reunião, não gosto de instituição, não gosto de organização e tal e aí então eu fui indo para a psicoterapia, para o atendimento. Primeiro eu comecei trabalhando com grupos, depois passei para a psicanálise e aqui estou eu.

E depois, aos sessenta e tantos anos, alguém me chamou, não me lembro quem foi, para escrever no *Equilíbrio* e aí eu voltei a escrever, coisa que há muito tempo eu não fazia – porque eu larguei. Eu escrevo religiosamente um ou dois artigos desses científicos, *patchwork* de citação alheia – que eu acho uma coisa horrorosa, porque, na medida em que tem livro disponível, xerox e cópias e etc., não tem por que você ficar citando, mas tudo bem. Eu faço os meus artigos científicos só para não dizerem que eu estou afastada ou sou diletante. Eu não ponho bibliografia, eu ponho: “inspirada em”. Aí eu comecei a escrever, voltei a escrever. O primeiro..., este é o segundo livrinho, o



primeiro foi... a primeira compilação foi da Editora *Escuta*, chama *Crônicas Científicas* e acabou, e agora eu estou escrevendo a minha experiência no Rio de Janeiro.

DP: Foram quantos? Dois anos e meio?

AV: É... que foi uma re-entrada no universo brasileiro, porque o Rio de Janeiro, em 1956, 57... Juscelino... nós todos tínhamos uma fé infinita no país, tínhamos certeza de que seríamos todos felizes. Não tinha essa coisa..., não era específico, o clima não era: “Seremos grandes cientistas”, “Seremos todos não sei quê”, era: “Seremos todos felizes” - era uma certeza absoluta nossa. E aí faziam Brasília e a gente achava que aquilo era uma loucura, tinha corrupção, tinha não sei que e tal, mas todos nós batíamos palmas depois. E aí o Brasil foi mudando. E aí virou este momento da desesperança, do desamparo. É desesperança mesmo o que nós estamos vivendo agora. Eu preferia não estar vivendo agora.

DP: E, Anna, quando você voltou para São Paulo, você acha que a cidade..., porque você reconstitui nas suas crônicas, a cidade, com uma delicadeza, que tinha uma delicadeza que a gente não consegue identificar mais, seja através dos itinerários olfativos que você faz, itinerários de sons. Eu queria que você falasse um pouco quando você começa a sentir que essa cidade, que ainda permitia essas fruições, começa a se desgastar.

AV: É, São Paulo é assim ainda. Eu moro na Rua Tupi. De um lado são prédios de quatro dormitórios, cinco suítes, etc. e do outro lado – graças ao Senhor! – foi proibido construir prédios. Então é uma zona de transição. As pessoas vão morar onde elas querem. Tem a Barra Funda – Barra Funda é logo ali – Santa Cecília – Santa Cecília é maravilhoso. O Bixiga está um pouco barulhento, mas Santa Cecília está maravilhoso. Você tem a Rua Canuto Duval, com aquele restaurante daquela mulher estranha, que é filha do Nelson Gonçalves, como é que é o nome dela? Eu me esqueci, mas não tem frango melhor do que o “frango com tudo” da Rua Canuto Duval. A Rua Jaguaribe



continua sendo a Rua Jaguaribe, não mudou muito. As pessoas vão morar onde elas querem. Quem vai morar no Morumbi merece o Morumbi e merece atravessar aquelas pontes. Que não se queixem para mim. Cliente meu que vem de lá, eu digo assim: “A escolha é sua”. Nós temos bairros ótimos ainda. Aquela parte debaixo do Bom Retiro é maravilhosa. O lado de lá, atrás do Museu de Arte Sacra é uma coisa louca. Atrás da Igreja de São Geraldo, ali nas Perdizes, a Rua Margarida.

O que é isso, menina? São Paulo está aí, continua tendo cheiros, tendo gente na rua. Eu conheço os meus vizinhos, eu conheço o porteiro. É tudo atitude da gente. Os alienados serão sempre alienados. São Paulo ainda é muito São Paulo, sim. De manhã tem criança na rua, depois tem os velhos, e no fim da tarde os trabalhadores, os que trabalham fora voltam e os velhos se recolhem. Este movimento continua existindo, como sempre existiu.

Claro que a Rua Trindade, onde eu morava, mudou, mas tem Rua Tupi, tem Rua Jaguaribe, Martim Francisco, Baronesa de Itu. É isso. Bobagem! Não mudou nada: depende do teu olho. Nem aqui mudou, eu só não vi ninguém em volta da estátua, porque a gente segurava a estátua...

DP: Nem tanta gente fazendo fila lá embaixo.

AV: Nem tanta gente fazendo fila... Mas eu quero que as bibliotecas daqui sejam – que não seja o dinheiro, o salto, que não se dê saltos, que não sejam alavancados só pelo dinheiro: que a convivência alavanque as coisas. E não adianta *show*, pessoal. Eu fui essa semana num *show* de *rock*. Credo! O *show* de *rock* é solidão parada, porque não está em marcha. Tem o “deus” no palco e todo mundo olhando para ele, ninguém fala com o vizinho. E ficam fazendo movimentos religiosos iguaizinhos essas igrejas evangélicas – e católica também – que entra pela mão, a bênção. Fiquei olhando em volta: mas que solidão! Entram em grupo, se isolam lá dentro, saem em grupo e quase não falam sobre o *show*, porque eu prestei atenção, porque minha filha queria ir, minha neta queria ir e eu queria ver como era. Já é o segundo que eu fui e também é o último.



Infelizmente, não é o *show*, não é a balada, não é a academia de ginástica, porque, na academia, se vocês prestarem atenção – porque eu fui lá ver, eu não freqüento, claro – as pessoas não se falam. Eu tenho quarenta anos de janela no meu consultório e nunca ouvi falar de turma que tenha sido formada dentro de alguma academia. Na academia fico eu com o meu umbigo diante do espelho.

Eu queria que a biblioteca, o livro propiciasse... a revista, o jornal, agora que nós voltamos a ser pobres – porque quando você (desculpe, parênteses), porque quando você tem dinheiro para comprar todos os livros, todas as revistas, todos os jornais, aí não precisa de biblioteca, não precisa de espaço público. Mas nós estamos voltando a ser pobres. A classe média está voltando a ser pobre: não fala em outra coisa a não ser em falta de dinheiro. Então se você puder ler uma revista ao lado de alguém que também está lendo essa revista e você pode trocar idéia no bar, no café, é uma maravilha.

Isto tem que ser feito em torno... eu não sei, não sou urbanista, arquiteta para saber como – isto tem que ser feito assim como éramos nós aqui. Era daqui até o clubinho, até o cinema, até o Municipal, até o Pari Bar – de noite era o Pari Bar – e a gente ficava aqui e aprendia um do outro. Eu aprendi muito com os colegas. Sou capaz de dizer o que eu aprendi. Eles é que me disseram o que é que tinha que ler e era com eles que eu conversava, era aqui, no grêmio da faculdade. Agora eu tenho uma neta na faculdade e ela diz: “Mas, vó, você quer que eu vá ao centro acadêmico? Mas lá – na PUC – só se puxa fumo e se bebe”. Bom, fumo não era moda naquele tempo, em 1950. Fumo era só para *bafon*. A gente bebia em fim de semana, ou bebia de noite, mas a gente lia, conversava. Eu lembro do Perseu Abramo que me deu de presente um Carlos Drummond de Andrade e a gente lia. E o outro deu... eu me lembro bem do livro que o Perseu deu, mas enfim...

DP: Qual livro era?

AV: Aquele mais grossão dele. Eu tenho até hoje o livro, mas enfim era uma coletânea da década de 1950: 1955, 1956, olhando no *Google* a gente fica sabendo. Só que o



Google me substituiu: eu não preciso falar com ninguém, não preciso te perguntar qual é o livro. No *Google* eu vou sozinha. Que horror, que solidão! Mas é bom porque dá bastante...

DP: Subsídio?

AV: Subsídio, não: cliente para psicólogo.

DP: Subsídio para psicólogo trabalhar.

AV: Bom, chega, já falei demais, não é?

DP: Não, querida. Você agüenta mais uns 15 minutos?

AV: Ah, vamos, vai. Eu já falei demais. Já acabou o filme? A Carolina² está se divertindo.

DP: A Carolina é a nossa representante de uma outra geração, a geração que nasceu na solidão.

AV: Ela nunca ouviu tanta bobagem, mas é verdade. Tudo o que eu estou falando é verdade. É claro que está sendo falado de maneira interpretada. Eu não estou falando quantos minutos nós ficarmos aqui, etc. É a minha interpretação. Pergunte para os outros e eles terão outras.

DP: Anna, e isso que você estava falando com relação ao espaço da Biblioteca. Acho que esse é o nosso grande desafio: como que a gente vai tentar restaurar essa função catalisadora que a Biblioteca teve e voltar a ocupar um espaço diferenciado na cena paulistana. Este é o grande desafio. Ela é uma instituição longa, que tem fatos realmente prodigiosos, que foi muito importante para a formação, que disparou grandes

² Maria Carolina de Ré, funcionária da Divisão de Difusão Cultural da Biblioteca.



movimentos. Como você, cidadã, antiga freqüentadora, psicanalista, uma pessoa bastante comprometida com as questões da cidade, como você vislumbra o futuro, o que você acha que é possível fazer para que ela readquira essa vitalidade?

AV: Bom, São Paulo é muito grande, então não se pode imaginar que de todos os cantos da cidade venham para cá. Dizem, não sei, que os CEU's poderiam ser, porque tem esporte, tem música, enfim. Eu não gosto, porque nós aqui, nós na Praça Leopoldo Fróes, nós na Biblioteca da Economia, nós no Grêmio, nós não tínhamos líder mais velho, nós vivíamos livres, nós vivíamos na horizontal... Desculpa – olha o palavrão - eu estou falando nas relações sociais horizontais. E isto é uma absoluta maravilha. Então quando chega num CEU e tem – nada contra -nenhum professor – e tem um professor de não sei que, orientador de não sei o que lá, tem treinador de não sei o quê... Aí, não. Não o não negativo, porque esses professores, treinadores, eles podem ser absolutamente maravilhosos, eles podem ser dedicados, eles podem dar a alma, mas eles vêm com uma ideologia de uma outra geração, em vez de deixar, como nós aqui. Nós fomos absolutamente livres. Uma coisa que havia aqui era liberdade e isto no CEU não tem.

Sabe onde tem? No clube. Mas é que clube é para menos de 2% da população – não é 0,2%, é menos. No clube você entra, fica o tempo que quiser, aí joga um pouco de xadrez, aí vai para não sei aonde, aí vira para lá, então aí: “Está na hora de eu ir jogar tênis”, etc. Agora, num lugar que você vai e tem... Ah, tem um lugar que - eu considero um “deus”, o Miranda - é o SESC³. O SESC é tudo. No SESC Interlagos, SESC Pinheiros, passam dez mil, 11 mil pessoas por fim de semana. Se você quiser ser treinado, você é treinado, se você quiser ficar sozinho, você fica sozinho, quer ir à biblioteca, vai à biblioteca, quer ir ao *show* que está acontecendo, vai. O SESC é o que mais se aproxima, mas infelizmente ele tem umas áreas que são de comprar entrada, tem o teatro, onde você paga, tem uma mistura que eu não acho ideal. Eu prefiro seguramente uma coisa sem chefia, sem liderança. Isto é o que nós tínhamos aqui, tinha na Rua Maria Antônia, que nós íamos ao *Pompom*, íamos ao bar da esquina. Não

³ SESC: Serviço Social do Comércio



tinha liderança, ninguém mandava em nós, claro que não mandava. O trotskista não falava com o comunista, que detestava o socialista, mas isso era livre. Você entrava aqui, saía ali, não tinha patrão, não tinha chefe, não tinha líder mais velho, cada geração era na sua. A horizontalidade é a única coisa que pode nos salvar.

DP: Você, como psicanalista, os seus pacientes reclamam muito dessa – pacientes jovens – dessa dimensão da solidão?

AV: Eles não têm a menor idéia! Como é que você pode reclamar da falta de uma coisa que você não conhece? Escuta, hoje, uma criança, ela é levada para a escola e trazida da escola. Não pode ficar na rua por que é perigoso. A mãe leva na casa do amiguinho e vai buscar na casa do amiguinho, isto é, eu não posso nem brigar mais com o menininho e voltar para casa porque eu enjoiei, porque você não pode mais nem enjoar. Você não pode mais nem ir nem voltar... Não tem lugar nem na rua..., porque não pode mesmo, eu não estou... Uma criança, quando ela vai à casa do amiguinho ela tem que ficar lá na casa do amiguinho! Eu nunca tive que ficar na casa de ninguém. Eu entrava, saía, voltava. Fora os ricos – é claro que no Jardim não sei que, no Sumaré era diferente. Eu estou falando dos bairros, não estou falando de periferia, porque veja, São Paulo era assim: tinha o centro, daí tinha os bairros de ricos, e depois tinha os bairros: Santana, Lapa, Pompéia, Brás, Móoca – primeiro cinturão, depois tinha o Moinho Velho, Pirituba, Cachoeirinha, Santa Teresinha. Eu não estou falando nem da periferia – onde isso era óbvio que era assim mesmo – eu estou falando dos bairros. Os ricos, coitados, sempre foram escravos da necessidade de proteção. Nos bairros a gente tinha muita liberdade. Na periferia também.

DP: E no fim você cita que foi uma experiência interessante de miscigenação de classes. Então também tinha os representantes dessa burguesia...

AV: Os ricos não eram tão ricos.

DP: Mas você chegou, por exemplo, a freqüentar a casa de colegas seus que eram...



AV: Olha, a Etty Fraser era minha colega... não, ela não, a Vivian, irmã dela. O pai dela era presidente da *Dupont Empire*, qualquer coisa assim, uma coisa de rico... Eu não percebia a diferença, porque não era importante, ela não tinha mais coisas do que eu, até por que não tinha livro para comprar, não tinha disco para comprar.

DP: E você deixou de freqüentar, no momento em que você pôde ter acesso, você deixou de ter experiências coletivas?

AV: Sim, senhora. Como todo mundo.

DP: Mas você consegue driblar essa sensação de solipsismo? Como você faz para manter, num certo sentido, essa...

AV: Não tem. Eu só tenho saudades e sinto muito que os jovens sejam obrigados a estar sempre vigiados, liderados, ensinados, treinados. Ai que chato isso! Coitados!

DP: A Carolina me lembrou – ela entrou no *site* da experiência do *Lumiar* – e aí eu queria que você falasse um pouco. Você faz parte..

AV: Não, eu não quero falar sobre o *Lumiar*. Eu decididamente não quero porque eu sou preconceituosa.

DP: Em que sentido? Qual é a experiência?

AV: Por quê? De onde é que vocês tiraram essa...

DP: Enfim, fazendo a pesquisa, que você teve uma participação no...



AV: Era uma coisa... Conselho, qualquer coisa... Eu não gosto quando... Eu era jovem e feliz até a ir ao *Summerhill*, na Inglaterra. Eu passei um ano na Inglaterra, em 1969. Fui porque a minha fotografia estava no DEOPS⁴ e era bom ir embora. Eu estava na faculdade e consegui uma bolsa. E fui ver *Summerhill*, como é que funcionava e tal. E eu tenho interesse em educação democrática, mas hoje em dia a educação democrática não é democrática. Liberdade não é ter um adulto que deixa você fazer o que você quiser. É não ter o adulto, para começar, não ter um *design*. Essa escola democrática tem um *design*. Quer dizer, é claro que é a maneira como você coloca as coisas e o que você coloca determina o que vai... Aqui não tinha nada. Eu é que vinha aqui e eu gostava da Biblioteca tal e o outro gostava de livro raro e o terceiro ia ler jornal - era livre – é claro que aqui também tinha um *design*. Alguns iam ao clubinho, outros não iam. O Museu de Arte Moderna era também aqui na Sete de Abril, a gente ia e voltava livremente. Tinha escolha. Não era um *design*, era uma localização.

A escola hoje em dia diz: “Você pode vir aqui quando você quiser, para aula”. Mas é só aquela aula, não tem outra. Eu não gosto do modelinho democrático que eu conheci aqui. Em *Summerhill* era um pouco melhor, mas tinha o velho. Como é o nome dele? Esqueci. Tinha um senhor que acreditava muito naquilo e aquilo até acabou depois da morte dele.

Olha, liberdade é uma coisa muito complicada e está difícil hoje em dia você viver sem supervisão e a supervisão tem a de antes a de depois e a de durante e eu não agüento adulto ensinando a criança o que tem que ser. Ai que chato!

DP: E a literatura, Anna?

AV: Olha, aquele moço⁵ não foi embora, ele me odeia. Por que ele veio aqui se ele não quer me ouvir? Você vê? Cada coisa esquisita que tem no mundo.

⁴ DEOPS: Departamento Estadual de Ordem Política e Social.

⁵ Amigo que a acompanhava.



DP: Pois é, estes programas de formação de novos leitores – porque o quadro, as estatísticas de leitura no Brasil é ainda muito infame... Eu gostaria saber o que você acha desses programas, se você acompanha, você acha que eles têm uma eficácia?

AV: Ah, as novas bibliotecas, centenas de milhares de bibliotecas no Estado de São Paulo, que quando eu perguntei para um senhor, assistente de secretário, eu disse assim: “E quais são os livros que são mais tirados?” Porque abre uma biblioteca, enche de livros, em “Xiririca de Trás aos Montes”, então você gostaria de saber o que o pessoal gosta de tirar, para que, quando você fizer em outro lugar a biblioteca, você põe aquele tipo de livro. Nunca foi feito esse levantamento e a biblioteca não tem bibliotecária, então fecham a biblioteca porque senão roubam e acabou. Mas foi muito bom para a campanha eleitoral.

DP: Mas você acha que as bibliotecas poderiam participar desse processo de sensibilização, ou não? Acompanhando a sua...

AV: Infelizmente, eu não sei, mas eu gostaria muito que os meus netos pudessem encontrar seus semelhantes – semelhantes que escolheram os semelhantes – e serem felizes e crescer e poder ser pobre de novo. Eu passo 24 horas por dia – se eu trabalhar 24, ou eu trabalho dez, ajudando as pessoas a fazerem orçamento. Como é que a gente pode comer tudo que nos anunciam, usar tudo que nos anunciam, nos comunicarmos com todo mundo ininterruptamente, ter todos os aparelhos, máquinas, botões, etc., repô-los e fazer a manutenção? Voltamos a ter exatamente ao que nós tínhamos antes: ou o papel higiênico ou o segundo jornal por dia. E eu acho isso muito bom. Eu não estou me queixando, porque isto desenvolve a inteligência, desenvolve a sensibilidade, te obriga a fazer opções. Esse negócio de ter tudo à vontade...

DP: Quais seriam os clássicos da sua biblioteca pessoal, esses livros que você relê com regularidade.



AV: Não, eu não releio livros. Eu tenho no coração. Eu retomo se eu preciso para alguma coisa. Os livros importantes da minha vida vão desde romances até *A Ideologia Alemã*, até os livros de Psicologia Social – que foram importantíssimos na minha vida – os de Psicanálise. Mas quem, hoje em dia, tem tempo para releitura, com duzentos livros saindo por semana? Eu não vou ler, por acaso, os meninos que escrevem hoje: o Mirisola, Marçal Aquino? Eu não vou ler esses? Eu vou ficar relendo? Não! Quando eu leio um livro, ele me faz a cabeça e depois eu quero ler outro. Poesia é outra coisa. Eu gosto do Vinícius. Por que eu não sei, mas eu gosto.

Ai, chega!

DP: Muito obrigada! Em nome da Biblioteca eu agradeço enormemente a sua disponibilidade, a sua presença, a sua disposição para pensar junto.

